

*Talita Aquino*

*Estudante do curso de Jornalismo*

*Departamento de Artes e Humanidades - UFV*

O filme Abril Despedaçado, do diretor Walter Salles, é ambientado no sertão brasileiro no início do século XX, mais especificamente em 1910. Em um período de República Velha, o lugar parece ter leis próprias, vivenciando experiências diversificadas do resto do país.

A lógica do filme é baseada na briga entre duas famílias. O fraternalismo, a vingança, e as demais características fundamentam-se no cenário altamente patriarcal, precário, de dissolução das próprias identidades em função das tradições e costumes, principalmente familiares.

O longa começa contando a história de Tonho e Pacu, as personagens principais da trama, uma história de certa blusa ao

vento. A partir daí, abre-se caminho para enredar no fato central: a briga entre as duas famílias. Uma realidade relativamente comum nas zonas rurais do Brasil, presente até os dias de hoje. Nesse caso específico é uma luta pela terra, pela fazenda que já tinha sido de uma família e agora era de outra, e assim sucessivamente ao longo das gerações, sendo definidas as terras mediante a morte de cada indivíduo da família rival.

É possível perceber a estrutura familiar, organizada auto-suficientemente, a base de uma estrutura que não é gerada pela sociedade apenas, mas sim, irá criá-la seguindo seus parâmetros. No caso da formação da sociedade brasileira, a supremacia desse laço de sangue será intimamente relacionada à inexistência ou existência precária de um poder estatal, independente da família, com autoridade e força suficientes para administrar a justiça – situação agravada por nossa vasta extensão territorial. Nessas condições, uma mera ofensa pessoal, um mal-entendido, até para não falar dos casos mais graves de disputas de terra, ou ainda o envolvimento com questões políticas,



podem funcionar como estopins que desencadeariam nos clãs envolvidos verdadeira guerra privada.

O mundo das personagens é envolto em religiosidade, tradições, códigos de honra e trabalho árduo. O cotidiano dessas pessoas é regido por sua construção sociológica. Uma família que vive e trabalha isoladamente em zona rural, estabelecendo relações sociais exteriores sobretudo no momento em que os homens vão à cidade mais próxima para comercializar produto do trabalho e único meio de sustento deles: a rapadura.

‘Na fazenda empobrecida dos Breves, o pai, a mãe e os dois filhos trabalham sem trégua. Destaca-se, na área externa da casa, uma bolandeira, equipamento rústico comum em zonas canavieiras do Brasil, no começo do século XX, cuja estrutura lembra as engrenagens de um relógio. O engenho, célula social remanescente do período colonial, é o foco para o qual convergem todas as forças produtivas e a esperança da família no trabalho; pois, a capacidade de auto-subsistir, que aqui aparece, sempre esteve na base da família patriarcal em todos os tempos e lugares nos quais se formou, e delas é que decorrem os laços todos – morais, religiosos, jurídicos, políticos que, integrando fortemente os indivíduos ao orbe doméstico, fazem desse tipo de família uma estrutura política quase completa.

É nesse objeto também que se pode encontrar a metáfora da vida das personagens, um relógio que contabiliza o tempo que parece não passar, os bois que giram e jamais saem do lugar, capazes até de continuarem a andar sozinhos, sem que a máquina os movimente (como é ressaltado no filme).

Nessa organização caracterizada por monocultura, latifúndio, e, acrescente-se, escravidão (e um detalhe importante é um trecho do filme onde o Pai diz que antes eram os escravos que lidavam com o engenho, mas agora eram apenas eles – a família) – que os Breves vão defender como o último bem a honra: “Não temos nada, somente a honra.”.

Além da cultura do açúcar, a citada região do nordeste propicia também a criação de gado bovino. O agreste, território limítrofe entre a zona da mata e o sertão, é, por excelência, zona de transição, o que parece conter referência à própria situação das famílias envolvidas – entre a morte e a vida, entre o céu e a terra (semióticamente observado ao longo do filme essa dicotomia). Ali vivem os Ferreiras da pecuária, perto

dos Breves, em fazenda mais abastada. As cenas do filme mostram que a condição de vida dessa família é melhor do que a dos Breves: sua casa é maior, mais bem mobiliada, tem empregados, eles são mais bem vestidos, e a criação de gado tem infra-estrutura mais organizada. A câmera passeia por terras bem mais vastas. Existe franca superioridade dos Ferreiras em relação à condição de vida de seus inimigos, os Breves.



Cena do filme Abril Despedaçado

Disponível em: [http://www.interfilmes.com/filme\\_12499\\_Abril.Despedacado](http://www.interfilmes.com/filme_12499_Abril.Despedacado).

Acessado em: 27/09/2008

É importante perceber também, a figura da mulher nesse contexto. Na sociedade patriarcal, a caracterização maniqueísta da condição feminina é tão radical quanto parece ser violenta: ou é mulher direita, isto é, destinada à reprodução, ao cuidado dos filhos, da casa, e deve obediência ao marido, ou é mulher da vida, suspeita de ser meretriz, sem vínculos familiares e muito menos observadora de regras de conduta previamente estabelecidas. A narrativa do longa também estabelece este ponto de vista, porém não vai agregar juízos de valor sobre cada uma das mulheres. Encontramos a mãe devidamente constituída em seus afazeres domésticos, e, pelo lado oposto, Clara é a circense de vida nômade, junto com o seu padrinho-amante. A mãe, imbuída de toda a tradição da vingança, não olha pelas necessidades reais dos filhos vivos. Está submetida aos valores do marido, da família, da honra e da vida após a morte. Assim, quando o

“menino”, fascinado pelo livro que Clara lhe dera, insiste em ler e criar histórias baseando-se nas imagens que vê, ela dispara: “— Tu não larga mais isso não, menino? Oxe! Não tá vendo que esse negócio aí faz mal pras vista?”. Clara, por outro lado, é a figura feminina comprometida com a própria vida instintiva. Simpatiza com o “menino” tão logo o vê, presenteia-o com um livro de histórias, e, em outro momento, quando a paixão por Tonho se apresenta, vai atrás dele, abandonando o antigo companheiro. É esse tipo de expressão feminina que poderá contribuir para a reversão do quadro, já que a outra, a mãe, foi completamente engolida pelo sistema castrador vigente.

Abril Despedaçado carrega uma construção sociológica evidente, tanto nas características concretas quando nas metáforas do discurso e na semiologia da organização dos fatos e cenas. É possível compreender um trecho da história do Brasil, inculcada dentro da secura do nordeste, um país dentro de outro país. Uma organização social, familiar e psicológica diversificada da realidade do Brasil naquela época. Uma descoberta de valores “comuns” que tomam outros rumos e outras interpretações quando relacionados à construção individual de cada cultura.